

**DISCURSOS EM TEMPOS DE PANDEMIA:
CIDADANIA, EDUCAÇÃO E LINGUAGEM EM COLAPSO**

Speeches in times of pandemic: citizenship, education and language in collapse

Discursos en tiempos de pandemia: ciudadanía, educación y lenguaje en colapso

Marcos Rogério Martins Costa, Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP),

Professor do Instituto de Letras da Universidade de Brasília (UnB), Brasil. E-mail:

marcosrmcosta15@gmail.com

Roseli Gimenes, Doutora em Tecnologias da Inteligência e Design Digital pela Pontifícia

Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), professora e coordenadora do curso de Letras da

Universidade Paulista (Unip), Brasil. E-mail: roseligi@icloud.com

Pandemia não é uma palavra para ser usada à toa ou sem cuidado. É uma palavra que, se usada incorretamente, pode causar um medo irracional ou uma noção injustificada de que a luta terminou, o que leva a sofrimento e mortes desnecessários.

Tedros Adhanom Ghebreyesus, diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS)
(OPAS, 2020)

Entre 2016 e 2019, em meio a uma onda ultraconservadora, que promoveu discursos de ódio e furor, diferentes setores sociais foram afetados no Brasil e no Mundo. Então, em 2020, o globo é sacudido por uma pandemia que aprofunda, desvela e potencializa as mazelas já existentes, bem

como intensifica a criação de outras. A comunidade científica não pode ficar inerte, como não permaneceu. Diversos estudos e linhas de pesquisa têm se lançado a enfrentar as consequências indelévels de um “novo normal” para o qual ninguém estava preparado. Pensando nesse panorama e em estudos recentes que intentam compreender os tempos de pandemia e os discursos que neles se avizinham e podem, em médio e longo prazo, trazer dilemas e contrassensos, esta edição da revista *Brazilian Journal of Policy and Development (BRJPD)* propõe este dossiê que objetiva incentivar a discussão de três principais áreas da sociedade: a cidadania, a educação e a linguagem.

Em 2018, Mário Sérgio Cortella e Marcelo Tas lançaram a obra *Basta de cidadania obscena!*, na qual defendiam que sujeito com deveres e direitos individuais que trabalha para o bem coletivo definido como “cidadão” não é mais praticado como deveria, uma vez que a cidadania ainda continua obscura, isto é, não entrou em cena, de fato, no Brasil, dada sua relativa juventude. O que há, segundo os dois pensadores, é uma cidadania que não deveria ser mostrada – daí ser obscena –, porque é cercada de vaidades, orgulhos, corrupções e projetos que não se alinham aos ideais do bem comum que deveriam estar associados a *res publica*.

A educação brasileira também não se encontra nos seus melhores momentos¹. Segundo a Unesco, jovens e crianças foram afetados pela suspensão das aulas em escolas e universidades, atingindo mais de um bilhão de estudantes em todo o mundo². Nem a língua e a linguagem escaparam do colapso. Com a pandemia de Covid-19, muitas tribos indígenas estão sendo exterminadas e, junto com o luto de seus membros, as línguas dos diversos e distintos troncos linguísticos vão sendo extintas, pois a tradição é oral e poucos registros escritos, formais ou informais, existem acerca dessas línguas (cf. HAS, 2020). Perde-se, assim, toda uma riqueza cultural, linguística e social. Nas redes sociais, por sua vez, lançam-se notícias infundadas e *fake*

¹ Para maiores esclarecimentos sobre esse panorama educacional no contexto da pandemia de Covid-19, recomendamos para o estudo do Ensino Superior brasileiro o texto de Costa e Sousa (2020a). Já para o exame dos impactos da pandemia na Educação Básica, indica-se o estudo de Costa e Sousa (2020b).

² Dados são compartilhados pela Unesco em conformidade com a política de acesso aberto para facilitar a pesquisa e a informação sobre a COVID-19. Disponível em: <https://pt.unesco.org/covid19/communication/informationresponse/opensolutions>. Acesso em: 28 dez. 2020.

News prosperam, deslindando, dessa forma, uma rede de desinformação que a cada novo clique se agiganta (cf. GALHARDI *et al.* 2020).

Todas essas reflexões ganham lugar neste dossiê. O principal objetivo desta edição é construir um momento de convergência de estudos de diversos e distintos campos que possam auxiliar na construção de um horizonte reflexivo e crítico. Com isso, tem-se a perspectiva de que as incertezas e os questionamentos que nos motivam em nossas experimentações como pesquisadores e seres humanos sejam explorados e, então, alcancemos um pouco mais de clareza neste turbilhão de informações que estamos hodiernamente em contato.

Para tanto, sete artigos foram escolhidos a partir de um rigoroso processo de seleção que contou com a expertise de pareceristas de distintas áreas do conhecimento. Dentre esses seletos estudos, dois artigos abordam o campo da linguagem a partir da análise precisa de uma das atividades que foi exagerada e constantemente realizada durante a pandemia: *lives*, isto é, transmissões ao vivo pela internet em redes sociais e/ou em outros espaços cibernéticos. O artigo intitulado *Os modos de presença na era pandêmica: reflexões sobre os regimes de visibilidade nas lives*, de autoria de Fabiana Maiorino (p. 3-24), traz uma visão bastante instigante sobre a pandemia entendendo-a como “como um sintoma sócio-cultural, provindo de uma crise do modelo raiocêntrico desde a modernidade” (MAIORIONO, 2020, p. 3) e, para explorar essa perspectiva, examina os regimes de visibilidade nas *lives*, a partir dos estudos do semioticista Éric Landowski. Já o artigo *A configuração das livestreams no contexto da pandemia e as vozes da globalização*, de autoria de Joana da Silva Ormundo, Guilherme Saravalli Jodas Granzotto, Walkyria Wetter e Deborah Gomes de Paula (p. 24-46), aborda a evolução das *livestreams*, acompanhando-o desde o formato televisivo até a forma como esse modelo se expandiu *na e pela* internet; e, para isso, os autores traçam um panorama histórico, utilizando as contribuições da Análise de Discurso Crítica.

Neste dossiê, três contribuições abordam a área da Educação. O artigo *A transição do cenário educacional em meio à pandemia do Covid-19: desafios e problemáticas envolvidas na*

prática do profissional de educação com a utilização das TIC's como ferramenta de aprendizagem na educação infantil, de Priscila Caldas Sapucaia e Paula Dias Alves (p. 67-94), examinou os reflexos ocasionados pela pandemia do Coronavírus (COVID-19) na educação brasileira, com a implementação do Ensino a Distância (EaD). Já o artigo *A inserção acelerada das TDIC na Educação Infantil e Ensino Fundamental I diante a pandemia da Covid-19*, de Lucilene Simone Felipe Oliveira (p. 95-117), aborda, ao discorrer sobre as potencialidades das tecnologias digitais, como a pandemia “impôs o uso dessas ferramentas de maneira abrupta e com pouco planejamento” (OLIVEIRA, 2020, p. 95), sobretudo na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I. Complementando a discussão e, ao mesmo tempo, expandindo-a, o artigo *Ensino remoto na pandemia: proposta de design instrucional a partir de estilos de aprendizagem*, de Myriam Dornelas, Cláudia Campos e Viviane Martins (p. 118-144), aponta as oportunidades que a Educação pode agregar quando considera os Estilos de Aprendizagem dos alunos e os conceitos de Design Instrucional para a modalidade de ensino remoto. Para evidenciar isso, as autoras partiram do estudo dos estilos de aprendizagem dos alunos matriculados na disciplina *Gestão e Rotinas de Recursos Humanos* de um Curso Técnico em Administração de uma instituição pública federal durante a pandemia do Novo Coronavírus.

Já na seara da Cidadania, há o artigo intitulado *A pandemia no discurso político de Jair Bolsonaro*, escrito por Beatriz Miranda Moitinho, Sueli de Britto Salles, Caroline Nogueira de Lima e Deborah Gomes de Paula (p. 47-66), uma vez que o objetivo desse artigo é, a partir da perspectiva Sociointeracionista e da Análise do Discurso de linha francesa (AD), examinar a construção do *ethos* discursivo do presidente Jair Messias Bolsonaro por meio do discurso de abertura da 75ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU). Com isso, tem-se o desmascaramento do ser proposto à luz do estudo minucioso da projeção do sentido *nas e pelas* palavras.

Fechando o dossiê, também abordando a área da Cidadania, a partir do prisma do aluno, tem-se o brilhante artigo intitulado *Os modos de vida e a quarentena da Covid-19*, de Corina Alves Farinha (p. 145-163). O texto parte de uma questão sagaz e de grande relevância para estes nossos tempos: em que medida, na perspectiva discente, os modos de viver no âmbito familiar, educacional, profissional, lazer e sanitários sofreram mudanças em virtude da situação pandêmica declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS)? O objetivo do artigo é compreender os impactos da pandemia nos modos de pensar, agir e pensar dos acadêmicos na perspectiva teórica de Émile Durkheim. De acordo com o estudo, “entende-se que a ruptura do funcionamento normal da sociedade afetou o estilo de vida normal dos estudantes e ao tornar-se estressante, aborrecido, fatigante levou-os a sentirem tédio, ansiedade, medo e certa normalidade futura, *isto vai passar*”, prevendo, ainda, que “o funcionamento da sociedade pós-pandêmica, para a maioria dos estudantes, terá bases solidárias e consumo consciente, com atividades laborais e escolares híbridas e os indivíduos usando máscaras” (FARINHA, 2020, p. 161, grifo da autora).

Com essa constelação de contribuições, podemos dizer que trouxemos, de fato, mais clareza para o colapso em que vivenciamos em 2020. A palavra *colapso* vem do termo latino *colapsus* que é o particípio passado do verbo *collabor* que significava, por sua vez, *cair com, desabar, desfalecer* (CUNHA, 2017). Em nossa língua, a expressão é usual, sobretudo, na medicina e na botânica, distinguindo, nas ciências médicas, a diminuição súbita e considerável da energia do cérebro e, conseqüentemente, da força nervosa; e nas ciências biológicas, o estado da flor ou da folha que se fechou. Por derivação semântica, distingue, no senso comum, um estado de decadência, degradação ou destruição de uma estrutura (cf. HOUAISS, 2014). Partindo desses diversos sentidos, é possível asseverar que a pandemia colapsou a sociedade?

A resposta nos leva a uma dualidade. É sim um colapso, quando pensamos que a pandemia, no sentido dado pela biologia, fez tantas mortes e, assim, fechou a flor da vida. É também sim,

quando refletimos na quantidade de notícias calamitosas e nem sempre verídicas que circularam durante a pandemia, desequilibrando nossas forças nervosas, como prevê o sentido médico.

Por outro lado, não é um colapso quando nos lembramos de que a pandemia não levou a sociedade a sua ruína. Como explica Rezende (2009), em virtude de condições sanitárias e do desconhecimento da etiologia de doenças infecciosas, a humanidade já enfrentou grandes epidemias. O estudioso explica, ainda, que as disseminações de doenças infecciosas eram, inclusive, chamadas de “pestes” – mesmo quando não eram causadas pelo bacilo da peste (*Yersina pestis*) – como, por exemplo, os casos das epidemias de varíola, tifo exantemático, febre tifóide, malária, dentre tantas outras. Outro fato a se considerar é que a gravidade da doença não é o fator determinante da Covid-19, mas sim o seu alto poder de contágio e, conseqüentemente, de proliferação geográfica (BRASIL, 2020).

Considerando a história e o fato, a pandemia de Covid-19 não pode ser nem desprezada, menos ainda hiperbolizada. A humanidade já passou por isso, mas muitos pensaram, arrogantemente, que a sociedade pós-moderna não haveria de passar de novo em decorrência de uma “inocente segurança” nos avanços contemporâneos na medicina, na tecnologia, na engenharia e em outras muitas áreas do saber. Com isso, o que aprendemos? Aprendemos que a aprendizagem é sempre contínua e a ignorância, um inimigo assíduo. Portanto, concordamos com a reflexão sagaz de Tedros Adhanom Ghebreyesus, diretor-geral da OMS, divulgada logo no começo dos primeiros dos avanços da disseminação da doença: “pandemia não é uma palavra para ser usada à toa ou sem cuidado” (apud OPAS, 2020). A sapiência dessas palavras decorre do que uma epidemia significa, o que ela faz e o que ela (trans)forma, pois, como acabamos sabendo, ela muda tudo e a todos. Daí que o colapso da cidadania, da educação e da linguagem só se efetivou nas mentes e nos corações daqueles que nos deixaram, porque, naqueles que ficaram, restou a missão de fazer a diferença. E isso não pode, nem deve passar!

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Orientações para manejo de pacientes com Covid-19.** Coronavírus Covid-19. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <https://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2020/June/18/Covid19-Orientac--o--esManejoPacientes.pdf> Acesso em: 28 dez. 2020.

CORTELLA, Mário Sérgio; TAS, Marcelo. **Basta de cidadania obscena!** Campinas: Papirus, 2018.

COSTA, Marcos Rogério Martins; SOUSA, Jonilto Costa. Educação a Distância e Universidade Aberta do Brasil: reflexões e possibilidades para o futuro pós-pandemia. **Revista Thema**, v. 18, n. Especial, p. 124-135, 2020a.

COSTA, Marcos Rogério Martins; SOUSA, Jonilto Costa. Desafios da Educação e das Tecnologias de Informação e Comunicação durante a pandemia de Covid-19: problematizando a transmissão de aulas assíncronas nos canais de televisão aberta e o uso da internet para fins didático-pedagógicos. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal, Brasília**, v. 7, n. 3, p. 55-64, ago. 2020b.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da Língua Portuguesa.** 2 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

GALHARDI, Cláudia Pereira *et al.* Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 4201-4210, 2020.

HAS, Murilo. Derrubada aos direitos dos povos indígenas: atenuantes promovidas pelo governo bolsonarista e pela pandemia da Covid-19. **Humanidades & Inovação**. Palmas, v. 7, n. 19, p. 417-427, 2020.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss eletrônico da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Instituto Houaiss; Editora Objetiva, 2014. CD-ROM.

OPAS – ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **Folha informativa COVID-19 - Escritório da OPAS e da OMS no Brasil.** Fev. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19> Acessado em: 28 dez, 2020.

REZENDE, Joffre Marcondes. As grandes epidemias da história. *In:* REZENDE, Joffre Marcondes. **À sombra do plátano: crônicas de história da medicina.** São Paulo: Editora Unifesp, 2009, p. 73-82.